



O PEQUENO PRÍNCIPE

Antoine de Saint-Exupéry

Com aquarelas do autor
e capa de Anna Charlie

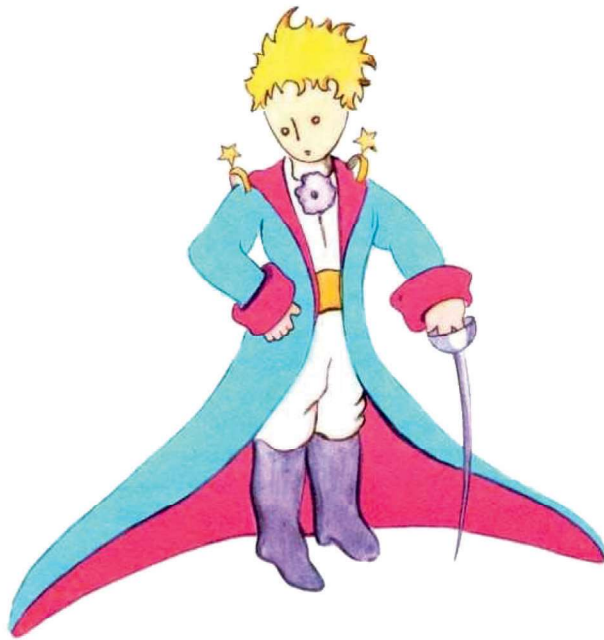
O
Tesouro
dos
Clássicos
Juvenil

ea
editora ática



O PEQUENO PRÍNCIPE

Antoine de Saint-Exupéry



Tradução de
Fábio Delano

ea
editora ática

Título original: *Le petit prince*
Título da edição brasileira: *O pequeno príncipe*

Presidência	Mario Ghio Júnior
Vice-presidência de educação digital	Camila Montero Vaz Cardoso
Direção editorial	Lidiane Vivaldini Olo
Gerência editorial	Julio Cesar Augustus de Paula Santos
Coordenação editorial	Laura Vecchioli
Edição	Marília Bellio
Revisão	Caroline Silva
Aprendizagem digital	Renata Galdino (ger.), Beatriz de Almeida Pinto Rodrigues da Costa (coord. Experiência de Aprendizagem), Carla Isabel Ferreira Reis (coord. Produção Multimídia), Daniella dos Santos Di Nubila (coord. Produção Digital), Rogério Fabio Alves (coord. Publicação), Vanessa Tavares Menezes de Souza (coord. Design Digital).
Planejamento, controle de produção e indicadores	Flávio Matuguma (ger.), Juliana Batista (coord.) e Jayne Ruas (analista)
Capa	Anna Charlie
Edição de arte e diagramação	Nathalia Laia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Saint-Exupéry, Antoine, 1900-1944
O pequeno príncipe / Antoine de Saint-Exupéry ; tradução de Fábio Delano. – 1. ed. – São Paulo : Ática, 2022.

ISBN 978-85-0819-955-6

1. Literatura infantojuvenil francesa I. Título II. Delano, Fábio

22-4189

CDD 028.5

CL: 750807
CAE: 794639

2022
1ª edição
1ª tiragem
Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.
Av. Paulista, 901, Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01311-100 | Tel.: (0xx11) 4003-3061
Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor:
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A Léon Werth

Peço perdão às crianças por ter dedicado este livro a uma pessoa grande. Tenho uma séria desculpa: essa pessoa grande é o melhor amigo que tenho em todo o mundo. Tenho outra desculpa: essa pessoa grande entende de tudo, até de livros para crianças. Tenho uma terceira desculpa: essa pessoa grande mora na França, onde sente fome e frio. Ela precisa de consolo. Se todas essas desculpas não forem suficientes, então, eu quero dedicar este livro à criança que essa pessoa grande foi um dia. Todas as pessoas grandes foram primeiramente crianças (mas poucas se lembram disso). Corrijo, dessa maneira, a minha dedicatória:

A Léon Werth, quando ele era uma criança.

SUMÁRIO

1	7
2	9
3	13
4	16
5	20
6	24
7	25
8	28
9	33
10	35
11	40
12	42
13	44
14	48
15	52
16	56
17	57
18	60
19	61
20	63
21	65
22	71
23	72
24	73
25	76
26	80
27	88
Por trás da história	91

Quando eu tinha seis anos, vi, certa vez, uma magnífica imagem em um livro sobre a floresta selvagem chamado *Histórias vividas*. Ela mostrava uma jiboia enquanto engolia uma fera. Eis uma cópia da figura:



“As jiboias engolem sua presa por inteiro, sem mastigá-las. Em seguida, ficam incapazes de se mexer e dormem pelos seis meses necessários à sua digestão”, dizia o livro.

Passei um bom tempo refletindo sobre as aventuras na selva e, finalmente, com sucesso, usei um lápis de cor para fazer meu primeiro desenho. Meu desenho número 1. Ele ficou assim:

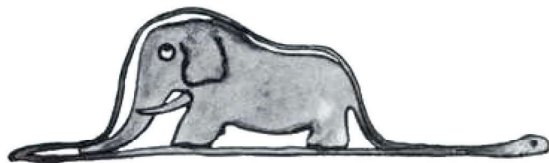


Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo.

Elas me responderam: “Por que um chapéu daria medo?”.

Meu desenho não representava um chapéu. Era uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei, então, o interior da jiboia para que as pessoas

grandes pudessem compreender. Elas sempre precisam de explicações. Meu desenho número 2 ficou assim:



As pessoas grandes me aconselharam a deixar de lado os desenhos de jiboias, tanto do lado de fora quanto do seu interior, e a me interessar mais por geografia, história, matemática e gramática. Foi assim que eu abandonei, aos seis anos de idade, uma carreira magnífica de pintor. Fui desencorajado pelo fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não entendem nada por elas mesmas e é extremamente cansativo, para as crianças, ficar o tempo todo explicando, explicando...

Tive então de escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Já voei um pouco por diversas partes do mundo. A geografia, com toda a certeza, muito me ajudou. Eu aprendi a reconhecer, à primeira vista, a China, o Arizona. É bastante útil se a gente se vê perdido durante a noite.

Ao longo da vida, tive contato com um bocado de gente séria. Vivi bastante no meio das pessoas grandes e as observei bem de pertinho. Mas isso não melhorou em nada a minha opinião sobre elas.

Quando encontrava uma que me parecia um pouco mais lúcida, eu a testava por meio do meu desenho número 1, que guardei para sempre. Esperava saber se aquela pessoa grande era realmente compreensiva. Porém, sempre me respondiam: “Isso é um chapéu”. Então, eu não lhes falava mais de jiboias, nem de florestas selvagens ou de estrelas. Apenas mudava de assunto e me punha à sua altura. Falava-lhes de *bridge*, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa grande ficava contente de conhecer uma pessoa assim, tão razoável...

Assim vivi solitariamente, sem ter com quem conversar de forma verdadeira, até o dia em que sofri uma pane no deserto do Saara, há seis anos. Alguma coisa se quebrou no motor do meu avião. Como eu não estava acompanhado nem de mecânico, nem de passageiro, preparei-me para realizar, sozinho, um difícil reparo. Era uma situação de vida ou morte. Tinha comigo água suficiente para praticamente oito dias.

Na primeira noite, dormi sobre a areia a milhares de milhas de distância de qualquer terra habitada. Estava bem mais isolado do que um náufrago em um bote no meio do oceano. Imaginem a minha surpresa quando, ao raiar do dia, uma vozinha estranha me acordou. Ela dizia...

– Por favor... Desenhe um carneiro para mim.

– Hein?

– Desenhe um carneirinho para mim...

Levantei-me de um pulo, como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos. Olhei com toda a atenção. Vi diante de mim um homenzinho sinceramente extraordinário que me olhava com toda a seriedade.



Aqui está o melhor retrato que,
depois de algum tempo,
consegui fazer dele.